

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16783 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 12 - Filosofia da Educação

A FORMAÇÃO DO SUJEITO NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO: POR UM PROJETO INTERDISCIPLINAR E ÉTICO-AFETIVO

Luciana Maria Schmidt Rizzi - UPF - Universidade de Passo Fundo

A FORMAÇÃO DO SUJEITO NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO: POR UM PROJETO INTERDISCIPLINAR E ÉTICO-AFETIVO

RESUMO: O trabalho aborda a fragilidade da formação do sujeito pesquisador em três partes: o seu caráter interdisciplinar da pesquisa, seu caráter ético-afetivo e a sua postura hermenêutica.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa Educacional. Interdisciplinaridade. Ético-afetivo.

Tomamos como objetivo investigar as condições da possibilidade de formação do sujeito pesquisador nas diferentes esferas de atuação da pesquisa em educação. Assim, tomamos temas de estudo e discussão quanto a natureza da pesquisa em educação, a constituição do campo pedagógico, os obstáculos epistemológicos à produção do conhecimento, além dos enfoques metodológicos para a construção da pesquisa.

Algumas questões inquietantes mostrarem-se potentes para pensar esse caminho: qual é a dimensão educacional da pergunta investigativa? Qual é a ideia quanto a formação humana? Quais são as condições espirituais, teóricas e metodológicas que é preciso desenvolver para tornar-se um sujeito pesquisador?

Essas interrogações mostram-se extremamente importantes para o diálogo em que se pretende investigar no campo da educação. Ao mesmo tempo, descortinam a fragilidade teórica e nos impulsionam para o compromisso com a pesquisa, no seu grau de autonomia e responsabilidade e no desenvolvimento de uma pesquisa de qualidade. Desse modo, intensificar o espírito de leitura e escrita de forma organizada, selecionada e sistemática, tornam-se um exercício potente e indispensável neste caminho, fortalecendo nossa dimensão humana, como principal dispositivo na criação do si mesmo.

A constituição do campo da pesquisa educacional, discutido a partir das obras de Gatti (2012), Charlot (2006) e Dalbosco (2020), trouxeram como tema central o seu caráter interdisciplinar, como modo de enriquecimento, amplitude teórica e metodológica, ao dialogar com diferentes campos do conhecimento. A constatação é de que a origem da interdisciplinaridade se deve ao caráter especializado que a ciência moderna foi assumindo ao longo da história e que se tornou incomunicável com outros campos. Dessa forma, essa

conjunção exacerbada entre a especialização e o individualismo tornou indispensável a comunicação com outros campos de saberes, através de um olhar interdisciplinar para a pesquisa. Para isso, o diálogo, a leitura e a escrita tornam-se exercícios fundamentais na constituição do sujeito pesquisador. Neste sentido, Dalbosco (2020) e Bloom (2013), destacam que o primeiro movimento do leitor se refere à angústia da influência, como efeito que o texto lhe provoca, quando entregue seriamente ao que ele quer nos dizer. Além disso, a angústia, como categoria hermenêutica chave e própria do caráter humano, provoca no leitor a capacidade de sair do lugar, de ir além, a partir de seu estranhamento inicial. O segundo movimento é o da desleitura, como um trabalho de distanciamento crítico, de reação do sujeito leitor com relação ao seu processo de estranhamento inicial, através de um modo interpretativo crítico, de desconstrução discursiva. Quanto maior for a bagagem e a consistência intelectual do leitor, melhor sua interpretação e construção teórica. A constatação é de que a origem da interdisciplinaridade se deve ao caráter especializado que a ciência moderna foi assumindo ao longo da história e que se tornou incomunicável com outros campos. Dessa forma, essa conjunção exacerbada entre a especialização e o individualismo tornou indispensável a comunicação com outros campos de saberes, através de um olhar interdisciplinar para a pesquisa. Portanto, nossa hipótese repousa na ideia de que a interdisciplinaridade não é só um projeto epistemológico, mas ético-afetivo, como uma noção formativa autotransformadora, com base educacional, utilizando-se de uma justificativa hermenêutica.

Assim, a base ético-afetiva da interdisciplinaridade estaria apoiada em algumas características das quais julgamos importantes: quando compreendida como postura ético-afetiva, a interdisciplinaridade torna-se uma simpatia vinculante; o espírito de abertura que nos colocamos quando caminhamos ao encontro do outro, propõem aos sujeitos pesquisadores um conjunto de transformações interiores; o desenvolvimento do espírito de trabalho de grupo coloca-se como uma tarefa cooperativa e de abertura, rompendo com o ideal contemporâneo solipsista; o diálogo como aspecto fundante da interdisciplinaridade, através da vida associada entre os seres humanos, é um dos recursos mais ricos para investigar e resolver os problemas, assim, o diálogo, em sua perspectiva do sujeito coletivo, traduz-se numa forma de resgatar a capacidade simbólica-linguística, que tornou possível a construção da cultura e da civilização. A capacidade humana para o diálogo, tomado na perspectiva hermenêutica, torna possível a construção de pontes, para a passagem de um território para outro no campo dos saberes, constituindo-se em força simbólica que cria vínculos entre os seres humanos e os conhecimentos. A escuta desenvolve nos sujeitos a capacidade de se colocar no lugar do outro. Ela nos joga para o universo cultural e afetivo do outro, provocando uma transformação em nós mesmos. Através do diálogo e da escuta silenciosa ativa, somos levados a reexaminar nossas crenças e convicções, num autoexame permanente. O diálogo também apresenta um laço estreito com a amizade, como vínculo constitutivo do conhecimento, como um *éthos* pedagógico que dá possibilidade ao trabalho coletivo, como “uma arte geral do encontro baseada em uma ética da amizade” (AQUINO, 2014, p. 175). O diálogo interdisciplinar tem base democrática em sua dimensão como

trabalho solidário, cooperante entre sujeitos e áreas. A produção democrática do conhecimento, que elimina uma hierarquia inferior ou superior, exige sempre o espaço público como referência.

O projeto ético-afetivo da interdisciplinaridade tem relação direta com pessoas que estão dispostas a sair de seus limites, como sujeitos abertos, globais e cosmopolitas, ligados uns aos outros por uma “simpatia vinculante”.

Destacamos alguns elementos importantes sobre a dimensão ético-formativa da pesquisa, como a corresponsabilidade do pesquisador, que se encontra sempre em formação que, ao ser orientado por boas práticas, torna o processo do pesquisador contínuo, numa autoprodução permanente. Vamos a eles: o sentido formativo do grupo de pesquisa na prática pedagógica como espaço primeiro de validação do conhecimento, além do desenvolvimento de valores éticos como a solidariedade, a cooperação e o diálogo; a solidariedade e a cooperação nas pesquisas em redes de internacionalização; o compromisso com a função social da produção científica; a relevância social da pesquisa, não perdendo de vista o sentido da destinação sócio-cultural; o respeito ao suporte dado pela sociedade à pesquisa, através do financiamento público; o papel do estado na elaboração de políticas públicas de pesquisa; o respeito ao pesquisador como sujeito que constrói e se constrói pela pesquisa, tornando-a um projeto de vida e a ética da responsabilidade e corresponsabilidade com relação a validação dos resultados da pesquisa científica.

Acentuamos a importância de ouvir os sujeitos da pesquisa, prestando atenção ao que eles têm a nos dizer. Ancorados nesta perspectiva, podemos nos indagar: quem nós queremos fazer falar ou cercear pela nossa pesquisa? Que espaço de manifestação e reconhecimento vamos construir através da pesquisa que realizamos? Qual a consideração que o pesquisador dá aos sujeitos da pesquisa? Assim, a pesquisa é uma instituição de poder, com possibilidades de silenciar ou promover diálogos. É compromisso ético do pesquisador pensar nos sujeitos com quem iremos dialogar, através de uma metodologia adequada e respeitosa. A pesquisa, nesta perspectiva, só se torna formativa quando for autoformativa, quando mobiliza e transforma pesquisado e pesquisador, guiados pelo cuidado de si, dos outros e do mundo.

Essa concepção formativa da pesquisa, apresenta alguns elementos que auxiliam a pensar essa postura. O primeiro é a concepção dialógica de interdisciplinaridade, evidenciado na atitude humilde do pesquisador em ouvir o que as outras áreas tem a nos dizer, movidos pela espiritualidade. O segundo aspecto é sua epistemologia fraca, com caráter processual, falibilista e de historicidade, utilizando-se da metáfora da rede para evidenciar seu sentido aberto e inesgotável da teoria à pesquisa educacional. Para Popper (1993, p. 61-62), “as teorias são redes, lançadas para capturar aquilo que denominamos ‘mundo’: para racionalizá-lo, explica-lo, dominá-lo. Nossos esforços são no sentido de tornar as malhas da rede cada vez mais estreitas”. Outro aspecto é a pesquisa como processo autoformativo do sujeito, no sentido ético-estético, como uma arte da existência, que se coloca sempre na ação, na conduta, na postura do pesquisador. Como aquele que realiza um esforço humano

de colocar-se no lugar do outro, através do autoexame crítico permanente, guiado pelo próprio nível de exigência que a relação com o outro nos coloca, criando condições mínimas de autogoverno de si para poder governar os outros. Como último elemento nesta perspectiva da pesquisa como autoformação, elencamos a escrita e a leitura como exercícios espirituais genuínos no domínio do pesquisador. Exercício espiritual que cultiva nossa interioridade, ancorado no núcleo de ócio estudioso antigo. Assim, trazemos a metáfora da pesca como forma de compreender os componentes essenciais da investigação, “requer paciência, tolerância, humildade – qualidades essenciais no mundo da pesquisa” (Gleiser, 2019, p. 14).

Além disso, enfatizamos que a linguagem é o que constitui a sociedade humana, como aquilo que nos identifica, que possibilita a comunicação entre os sujeitos. Portanto, observar sua história e o modo como se apropria desse sistema, como transforma seus pensamentos em palavras, é um dos fundamentos importantes do pesquisador. A linguagem nos identifica, nos aproxima e torna possível a reflexão sobre o mundo. Através da fala o sujeito se anuncia e através da escrita organiza seu pensamento.

A partir dos aspectos que estruturam uma pesquisa, a saber: o problema, a teoria e o método, podemos elaborar a seguinte hipótese: um bom problema depende de uma boa pergunta, que irá depender das escolhas teóricas e metodológicas do pesquisador. A teoria, os conceitos, a organização do método e do estilo da pesquisa desenvolvido pelo pesquisador, através de uma busca adequada das fontes e na companhia de bons clássicos e da pedagogia, constituem-se no estado de arte da pesquisa.

A pesquisa qualitativa em educação vem sendo palco de muitos debates e estudos no campo da educação e nas ciências sociais, trazendo desenvolvimento e diversas perspectivas de análise. O grande desafio se coloca em conseguir aliar a riqueza proporcionada pelo estudo em profundidade de fatos e processos educacionais contextualizados, à possibilidade de transferência para o estudo de outros campos semelhantes. O rigor nos cuidados investigativos e o domínio flexível de métodos necessários à aproximação significativa do real é o compromisso assumido com a produção de conhecimentos confiáveis se queremos que estes causem impacto sobre a educação. De acordo com Krüger (2010), Gatti e André (2010), as principais abordagens qualitativas utilizadas atualmente nas pesquisas educacionais, podem ser diferenciadas em três tipos: etnografia, história oral e análise biográfica, análises interacionistas e análises de discurso.

A hermenêutica contemporânea se constitui em uma das principais tradições de pesquisa. Suas ideias influenciam o modo como o sujeito compreende a si mesmo, em sua relação com o mundo. A formação adequada do sujeito pesquisador depende do bom domínio da pesquisa bibliográfica, através das diretrizes hermenêuticas indispensáveis à sua formação. A hermenêutica como postura filosófica, intelectual e não metodológica, traz na ação de escutar e perguntar duas características centrais à formação do sujeito pesquisador, que se apresenta como um mediador de sentidos, através do estranhamento curioso que a

escuta exige, num movimento de solidão intelectual como exercício de elaboração teórica. O sujeito pesquisador é alguém que indaga, pergunta, numa busca constante e incansável, sempre sujeita a riscos, mas que encontra na hermenêutica ferramentas conceituais indispensáveis para a sua formação. Assim, o pesquisador, guiado pela linguagem, na forma viva do diálogo, torna-se intérprete e mediador de significados.

REFERÊNCIAS:

AQUINO, Júlio Groppa. **Da autoridade pedagógica à amizade intelectual: uma plataforma para o éthos docente**. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

BLOOM, Harold. **A anatomia da influência: literatura como forma de vida**. Tradução Ivo Korytowski, Renata Telles. 1ª edição. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

CHARLOT, Bernard. **A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber**. Revista Brasileira de Educação v. 11 n. 31 jan./abr. 2006.

DALBOSCO, Cláudio Almir. **Pesquisa como arte de uma pescaria: a metáfora da teoria como rede**. Passo Fundo, 2020. Mimeografado.

GATTI, Bernadete; ANDRÉ, Marli. **A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação no Brasil**. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle. Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 29-38.

GATTI, Bernadete. **A construção metodológica da pesquisa em educação: desafios**. Revista Brasileira de Política e Administração da Educação, Porto Alegre, v. 28, n. 1, p. 13-34, 2012.

GLEISER, Marcelo. **A simples beleza do inesperado: um filósofo em busca de trutas e do sentido da vida**. 3ª edição. São Paulo: Record, 2019.

KRÜGER, Heinz-Hermann. **A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação na Alemanha**. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle. Metodologias da pesquisa qualitativa em educação. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 39-52.

POPPER, Karl. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix, 1993.

WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle. **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

